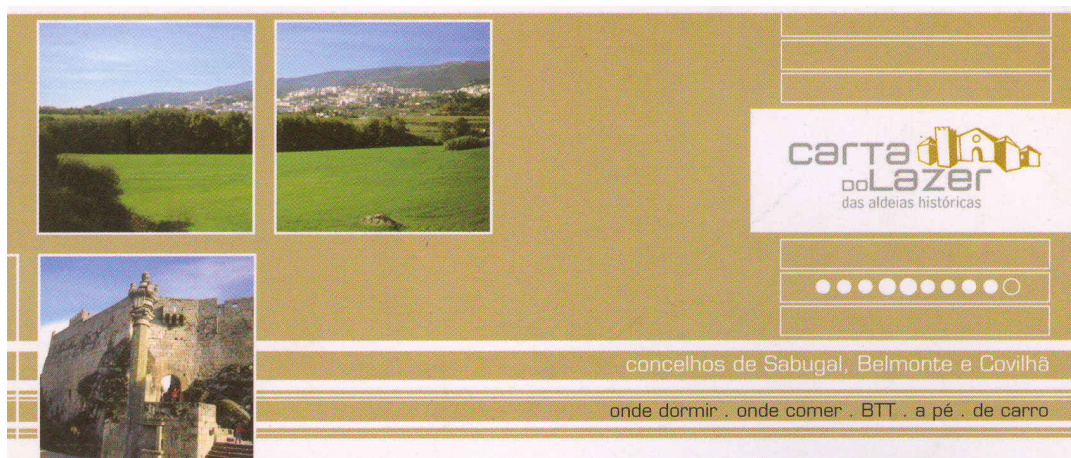


ALDEIAS HISTÓRIAS DE PORTUGAL



Sortelha

Roteiro de Sortelha

Sortelha fica localizada no concelho do Sabugal, entre Belmonte e a sede concelhia. Situa-se num esporão granítico dominante, entre o cabeço de São Cornélio e a Serra da Opa, a *uma altitude máxima de 786 m.*

A sua privilegiada localização resulta de uma escolha estratégica no intuito de dominar todo o espaço envolvente e, deste modo, vigiar e prevenir as invasões inimigas. De facto, Sortelha está localizada numa zona raiana, a cerca de 45 quilómetros da Espanha. **O topónimo** da povoação está envolto nalguma controvérsia. Segundo alguns autores a denominação deriva, eventualmente, de um anel, *Sortija* ou *Sorteia*, utilizado num jogo medieval, no qual os cavaleiros tentavam enfiar a sua lança. Para Viterbo, linguista, *Sortel* é um anel de pedras com poderes especiais, semelhante ao anel das feiticeiras. Por outro lado, este significado poderá estar relacionado com o formato circular / ovalado do aglomerado urbano. Para o arqueólogo Marcos Osório, o topónimo poderá derivar da palavra medieval *Sorte*, pequena parcela agrícola, uma vez que a explicação relativa ao anel não surge nos documentos mais antigos. O facto de os terrenos de Sortelha não serem muito férteis poderá ter originado a denominação *Sorticula*, sorte pequena.

A malha urbana foi construída por forma a adaptar-se à irregularidade do terreno. Entre as suas particularidades destacamos o fraco número de construções, poucos edifícios monumentais, a planta oval das muralhas do castelo e escassos adossamentos à muralha.

O espaço intra-muros organiza-se em torno de um eixo principal, a Rua da Fonte e a Rua Direita, que ligam a Porta da Vila à Porta Nova. Salientam-se dois espaços fundamentais, o Largo do Corro e o Largo do Pelourinho.

As habitações do interior das muralhas são tipicamente beirãs, havendo uma distinção funcional entre os dois pisos que as compõem e um balcão ou escada com patamar. O alpendre é raro.

A vila desenvolveu-se a partir de uma ocupação que teve início no século XII-XIII, possivelmente a partir de 1181, época em que D. Sancho I promove o repovoamento. D. Sancho II outorga foral em 1228 e promove a edificação do castelo. Neste documento eram mencionadas as condições de vivência neste local, que visavam fixar as populações por forma a defenderem esta zona raiana.

Ao longo dos séculos a estrutura defensiva da povoação sofreu reparações: no século XIII com D. Dinis, em finais do século XIV com D. Fernando e em 1510 com D. Manuel I, que lhe confirmou foral e construiu o **Pelourinho**. Apresentando as armas reais, este situa-se dentro do núcleo intra-muros, no Largo do Pelourinho, no sopé do castelo, perto da Antiga Casa da Câmara e Cadeia. Corresponde a um pelourinho manuelino de tabuleiro, semelhante ao pelourinho de Valhelhas e ao de Vila Nova de Foz Côa. Exibe seis degraus octogonais. A coluna não possui base e o capitel é canelado, com secção circular. Sobre este existe uma peça em forma de losango, com lados curvos. O remate é efectuado em tabuleiro, originando uma forma de secção circular, devido à sobreposição de anéis em forma crescente, onde assentam quatro colunelos. No topo encontra-se uma esfera armilar, alongada, atravessada por um espigão em ferro.

O Castelo está classificado como Monumento Nacional, desde 1910. A sua situação geográfica permite-lhe um controlo do vale. É possível que no local existisse um castro pré-romano. Na Idade Média o repovoamento da zona ocorre no século XII com D. Sancho I e em 1228 D. Sancho II outorgou-lhe foral e foi nesta época que terá sido construído o castelo. Corresponde a um castelo roqueiro românico-gótico, com intervenção pontual do manuelino. As muralhas foram construídas tendo por base a técnica de construção que consistia no levantamento de duas paredes fortes e paralelas, que eram seguidamente cheias com pedra grossa e gravilha.

A cidadela fica fora do perímetro amuralhado, a sul deste, com uma torre de menagem, de planta quadrada, no centro do recinto. Exibe apenas uma abertura a sul (portal de arco de volta perfeita), três seteiras e merlões rectangulares. Possui ainda duas portas: a Porta do Castelo e a Porta Falsa. A primeira apresenta balcão mata-cães e, ao lado, as armas reais de D. Manuel I com esferas armilares. Tradicionalmente este balcão é apelidado de Varanda de Pilatos. O perímetro amuralhado da vila apresenta um traçado ovalado irregular. A muralha assenta, em vários locais, directamente no afloramento rochoso e não possui merlões. Apresenta quatro portas que permitiam fazer a ligação com o exterior: Porta da Vila ou Porta do Concelho, Porta Nova, Porta Falsa e outra Porta Falsa junto ao castelo. Existe ainda uma outra torre, a Torre do Facho, de planta quadrada, desprovida de vãos. Entre as particularidades do castelo destacamos a ausência de merlões nas muralhas, o torreão de planta circular sobre o adarve, portas com arco quebrado, outras de volta perfeita e a "vara" ou "côvado" (medidas padrão) na Porta Nova. Estas antigas medidas medievais, a "vara" e o "côvado", foram aí mandadas colocar pelo rei. Tinham como função servir de marcas de aferição para as feiras que aqui se realizavam.

Na Época Moderna (séculos XVII-XVIII) começou a desenvolver-se o arrabalde exterior à povoação, inicialmente no seguimento da saída que ligava ao Sabugal. Posteriormente disseminou-se pelas vertentes e foi-se afastando das muralhas. Desenvolve-se relativamente distante do núcleo amuralhado e é caracterizado sobretudo por solares.

As tropas napoleónicas passaram por Sortelha e, na sequência dos combates que aqui travaram, dinamitaram parte da muralha do castelo. Assim, se estivermos localizados no Largo do Corro voltados para a Porta da Vila é possível observar à esquerda desta uma parte da muralha recentemente reconstruída.

Sortelha foi sede de concelho até 4 de Outubro de 1885.

Em termos de património religioso edificamos em Sortelha alguns Passos da Via Sacra, a Igreja Matriz, a Capela de São Sebastião, a Capela de Santiago e as Ruínas da Igreja da Misericórdia / Igreja de Santa Rita ou São João.

No século XVIII, mais especificamente em 1742, foram edificados **Passos da Via Sacra** com motivos decorativos de influência barroca: nicho de lintel recto, coroamento com volutas, rosetas, triângulos e lintel saliente, muito semelhante a uma cornija.

O conjunto é constituído por cinco passos, semelhantes entre si, espalhados pela povoação, sempre adossados a paredes: a Capela de São Sebastião, pano de muralha na Porta da Vila, entrada do castelo no Largo do Pelourinho, cabeceira da Igreja Matriz e outro junto à Porta Falsa, na Rua Dá Mesquita.

A **Igreja Matriz**, dedicada a Nossa Senhora das Neves, fica localizada no Largo da Igreja, dentro do perímetro amuralhado. Inclui, para além da igreja, a torre sineira, um passo da via sacra e algumas sepulturas escavadas na rocha.

Embora o que hoje podemos observar corresponda a uma igreja renascentista, a sua construção

poderá datar do século XVI. No portal possui a data de "1573". Foi Vigaria do padroado real e Comenda da Ordem de Cristo. Ao longo dos séculos sofreu profundas alterações. Possui uma planta longitudinal, uma única nave, cornija e gárgulas de canhão. O portal principal é caracterizado por arco pleno, pilastras caneladas, capitel de inspiração jónica e esferas armilares. No interior da capela-mor podemos observar um tecto mudéjar. Saliente-se, ainda, o púlpito renascentista, retábulos de estilo renascentista, maneirista, nacional e joanino, um baixo-relevo na fachada principal e a pia baptismal assente sobre três degraus. Na parede lateral da capela-mor existe uma imagem gótica de Nossa Senhora das Neves com o menino ao colo. A cabeça desta imagem foi decepada, segundo diz a lenda, por um soldado napoleónico que se queria certificar se a imagem seria de ouro. Datada do século XVI, a **Capela de São Sebastião** encontra-se isolada no caminho entre o arrabalde e o núcleo amuralhado, na antiga calçada medieval. Templo de planta longitudinal simples, apresenta na fachada principal um portal em arco pleno, com impostas salientes. As restantes fachadas não apresentam aberturas, à excepção da pequena fresta existente na fachada sul. No seu interior podemos observar um retábulo ecléctico, em talha pintada e o pavimento e o tecto forrados a madeira.

Na fachada principal encontra-se adossado um passo da Via Sacra e uma alminha.

A Capela de Santiago é um exemplar do século XVI (atribuição conjectural) e apresenta planta longitudinal simples, portal em arco pleno e retábulo composto por fragmentos de talha dourada de influência renascentista: duas colunas salmónicas, decoração vegetalista e cabeças de anjo.

A Igreja da Misericórdia, ou Igreja de Santa Rita ou de São João, é uma edificação do século XIV e fica localizada fora do perímetro amuralhado, junto à Porta Nova da Vila, próxima do antigo Hospital da Misericórdia, da Capela de Santiago e de um troço de calçada medieval.

Apresenta uma planta longitudinal, nave única e rectangular. O portal principal é em arco abatido, encimado por duas janelas de lintel recto. O arco triunfal é de volta inteira. Actualmente não possui cobertura. Encontra-se em ruína, mas é possível verificar a base do púlpito decorada com voluta e motivo antropomórfico medieval.

Sabemos que em 1320 foi taxada em 70 libras, como Igreja de São João. A Igreja da Misericórdia foi transferida para este edifício em 1626. A atribuição do nome de Santa Rita a este templo relaciona-se, possivelmente, com a grande devoção da população a esta santa e a existência de uma imagem da mesma num dos altares da igreja.

O Antigo Hospital da Misericórdia situa-se no Largo de Santa Rita, perto da Porta Nova da Vila. A sua construção remonta ao século XVI, embora alguns autores coloquem a possibilidade de, em época medieval, ter funcionado como gafaria ou hospício de Santiago. Corresponde a um edifício térreo, de planta rectangular e apresenta vãos de lintel recto sem moldura saliente. É constituído por quatro construções ligadas entre si.

Da Porta Nova, no exterior das muralhas, junto do conjunto constituído pelo Antigo Hospital da Misericórdia, a Igreja da Misericórdia e a Capela de Santiago, sai um troço de calçada medieval, com cerca de 30 metros de extensão e com uma largura de 5 metros. A pavimentação deste troço foi efectuada com blocos de granito regulares. A sua construção é atribuída ao século XIII-XIV, estando relacionada com a construção do pano de muralhas e dando acesso à Porta Nova da Vila.

Em Sortelha existem vários edifícios que, quer pela sua função, beleza ou antiguidade, merecem uma especial atenção.

No Largo do Corro, no espaço intra-muros, observa-se o seguinte património: Casa Um, Casa dos Falcões e Casa Setecentista.

A Casa **Um** data presumivelmente do século XIII, datação apoiada na fresta medieval e no facto de ter pertencido aos Ferreira Ferraz, antigos alcaides de Sortelha. Embora o edifício não possua nenhum elemento medieval comprovado, a data possível da construção corresponde aos séculos XVI-XVIII. Possui influências vernaculares e classicistas. Apresenta diferenciação entre os dois pisos, uma escada exterior adossada à casa contígua e vãos de lintel recto, sendo que apenas uma janela possui moldura saliente lisa. O nome do edifício advém de uma inscrição que possui numa das portas de nível térreo.

A Casa Setecentista, localizada em frente à fonte de mergulho, próximo da Casa do Escrivão e da Casa Um, corresponde a uma habitação do século XVIII, com remodelações em 1747, data

epigrafada no lintel da janela de sacada. Edifício com três pisos, de planta trapezoidal e uma janela de sacada externa, apresenta um óculo circular no alçado lateral.

Edifício do século XVI, localizado em frente à fonte de mergulho, a Casa dos Falcões, com remodelações no século XVIII, sofreu influências vernaculares. Exibe planta quadrangular, com dois pisos (sendo o piso térreo para fins comerciais e o primeiro andar para residência), vãos de lintel recto sem moldura saliente e escada com patamar moldurado.

Na Rua da Fonte existe uma casa com uma janela manuelina, a Casa do Escrivão da Câmara da Vila de Sortelha, uma casa quinhentista e um exemplar de arquitectura de equipamento, uma fonte de mergulho.

Nesta rua existe um edifício com função residencial, que exibe como particularidades uma **janela manuelina**, duas portas biseladas, a zona do lar (lareira com pavimento pétreo) e uma mísula de suporte de vasos. Possui dois pisos, planta rectangular, telhado de três águas, escada exterior e vãos de lintel recto sem moldura saliente. A sua construção data do século XVI, tendo em conta a janela manuelina de arco conopial inciso e os vãos bise lados.

A Casa do Escrivão da Câmara da Vila de Sortelha é um imóvel atribuído ao século XVIII, mas alguns autores consideram a possibilidade da construção ser anterior. A habitação pertencia ao antigo escrivão da vila de Sortelha, da família Pina Ferraz. Edifício situado na Rua da Fonte, possui planta rectangular composta e vãos de lintel recto sem moldura saliente. Um dos edifícios que compõem este conjunto possui três pisos e o outro possui apenas dois pisos. O piso térreo teria fins comerciais.

A denominada **Casa Quinhentista** é uma habitação atribuída aos finais do século XVI - princípios do século XVII, tendo em conta a existência de uma porta com moldura de meia cana. Apresenta influências classicistas pontuais, dois pisos, planta rectangular, vãos de lintel recto sem moldura saliente e uma porta larga de moldura de meia cana. A escada é interior, assim como uma porta com lintel curvo. Só possui fenestrações na fachada principal. Entre as suas particularidades destacamos uma janela com conversadeiras, mesa em cantaria e a lareira com pavimento lajeado, construído sobre a rocha.

Localizada no início da Rua da Fonte, a **Fonte de Mergulho** data, possivelmente, de época medieval ou do século XVI. Apresenta um arco pleno, com cobertura interna em abóbada de berço e planta quadrada. Curiosamente, encontra-se semi-enterrada, sendo o seu acesso efectuado por degraus. Ao descer estas escadas encontra-se, do lado esquerdo, um túnel que liga este local ao exterior das muralhas. A fonte foi entaipada na primeira metade do século XX.

Localizado na Rua do Forno, próximo do castelo, encontra-se o **antigo Forno Comunitário**. A sua construção data de época medieval, com utilização em época moderna. Apresenta apenas um piso com planta rectangular e duas portas de lintel recto, sem moldura. Recentemente sofreu remodelações que passaram pelo adossamento de um corpo exterior e a construção de um alpendre. Actualmente o edifício foi transformado em bar.

O conjunto constituído pela **Casa das Almas e pelas construções anexas** fica localizado entre o Largo do Pelourinho, a Rua da Fonte e a Rua do Forno. Corresponde a um conjunto de habitações populares, com dois pisos, sendo a sua construção atribuída aos séculos XIII-XIV, datação apoiada no achado de uma moeda de D. Dinis. A designação da habitação está relacionada com o pelourinho, onde eram executados os criminosos. A fachada principal do imóvel está virada para este lado. Apresenta vãos de lintel recto sem moldura, janelas com conversadeiras, armários encaixados nas paredes e reaproveitamento de elementos manuelinos numa das lareiras, nomeadamente uma base manuelina. O conjunto compreende três habitações e um palheiro. Também nestas se verifica uma diferenciação entre os dois pisos, sendo o piso térreo para fins comerciais. No palheiro, de um só compartimento, ainda é visível uma manjedoura em cantaria.

A Antiga Casa da Câmara e Cadeia fica situada no Largo do Pelourinho e a sua construção remonta ao século XVI, tendo em conta as armas manuelinas e a datação atribuída ao pelourinho. O edifício tem dois pisos, sendo o piso inferior a cadeia e o superior a Câmara. A planta é rectangular simples, com dois compartimentos por piso. Os vãos são de lintel recto, sem moldura saliente. Curiosamente, o piso inferior é encravado na muralha. Em 1855 com a extinção do concelho de Sortelha, o edifício foi transformado em escola primária.

Na Rua Direita podemos observar a Casa do Governador do Concelho de Sortelha, a Residência Paroquial ou Passal e a Casa da Vila.

A Casa da Vila encontra-se rodeada pela muralha e por edifícios imponentes. A sua construção corresponde, possivelmente, ao século XVI-XVIII. Pelo facto de não possuir nenhum elemento que permita uma datação segura, esta é apenas uma datação aproximada.

Apresenta dois pisos, planta quadrangular e vãos de lintel recto sem moldura saliente. Numa das salas do interior existe uma janela com conversadeiras e um armário encaixado na parede.

A Residência Paroquial corresponde a um edifício de planta quadrangular, com dois pisos. Tendo sofrido remodelações em 1756, data gravada na porta principal, hipoteticamente, a sua construção é atribuída ao século XVI. OS vãos de lintel recto, sem moldura saliente, e os três armários embutidos na parede são, apenas, duas das características deste edifício. Foi residência paroquial, atestada pela presença de uma cruz de Malta.

A Casa do Governador do Concelho de Sortelha é atribuída aos séculos xv ou XVI, com ocupação posterior. Possui dois pisos e uma planta quadrangular e regular. A fachada principal apresenta cornija e vãos de lintel recto sem moldura, demonstrando influências classicistas. Destacamos ainda uma janela de sacada moldurada, com mísulas laterais, a diferenciação funcional dos pisos, sendo o inferior para lojas, que possuía uma cozinha com lareira e pavimento lajeado, bem como um armário embutido na parede e um nicho rematado por uma cruz. No quintal existe um poço.

A Casa do Juiz do Concelho de Sortelha ou Casa do Campanário, na Rua Dá Mesquita, data, possivelmente, do século XVI-XVII, tendo em conta as portas biseladas e a cantaria. A tradição oral defende que pertenceu ao Juiz do Concelho de Sortelha. Entre as suas particularidades destaca-se o reaproveitamento de duas colunas, a construção anexa de piso térreo e armários embutidos na parede.

Ainda nesta rua encontra-se a **Casa Árabe**, situada perto da Porta Falsa e da Torre do Facho. Em frente a esta encontra-se um Passo da Via-sacra. Construção atribuída ao século XIV, tendo em conta uma inscrição em gótico cursivo. Apresenta um só piso, de planta em L e regular, vãos de lintel recto sem moldura e uma inscrição no lintel: "Jhvs Ave Maria". Actualmente a casa serve para turismo.

A Casa do Vento Que Soa localiza-se entre a Rua da Fontinha e a Rua do Cofre, no perímetro interior das muralhas. De planta em U, possui dois pisos e a escadaria exterior com balcão alpendrado com duas colunas de capitel simples. A sua construção é enquadrada entre os séculos XVI-XVIII. Contudo, trata-se apenas de uma hipótese, dado que não existem elementos que permitam uma datação segura.

Também na Rua da Fontinha existe uma fonte. **A Fonte da Azenha**, possivelmente construída entre os séculos XVI e XVII, tem como características específicas o espaldar solto, a bica em forma de canal e o tanque rectangular, escavado na rocha. Situada no Largo de São Gens, no arrabalde, próximo do solar de Nossa Senhora da Conceição e da casa de Santo António, encontra-se a **Casa de São Gens** ou de São Genésio. O início da sua construção remonta a 1672, por iniciativa do mestre de campo António Ferreira Ferraz Castel-Branco, governador da comarca. Desta habitação faria parte a capela de São Gens.

Corresponde a um solar seiscentista, com influência classicista. Habitação de dois pisos, planta quadrangular, cornija, escada externa que termina num balcão com alpendre, sustentado por três colunas toscanas.

Possui ainda vãos de lintel recto sem moldura saliente, janelas de sacada que circundam o brasão. Entre as suas características particulares destacamos a inscrição que data a construção da habitação, a pedra de armas que foi picada, a capela em ruínas, um portal de lintel recto antes da entrada no alpendre e conversadeiras nas janelas.

No caminho da Devesa, no limite do arrabalde, localizam-se a Casa de Santo António, o Solar de Nossa Senhora da Conceição ou dos Correia e Costa e, integrado na cerca deste, a Casa dos Hóspedes de Nossa Senhora da Conceição. **A Casa de Santo António** apresenta dois pisos e uma planta em T. O edifício encontra-se em ruína, sem cobertura. Trata-se de um exemplar do século XVIII, embora o início da sua construção possa corresponder a época medieval ou ao século XVI (tendo em conta o arco ultrapassado). Sofreu influências classicistas, presentes na existência de pilastras e cornija, vãos de

lintel recto com moldura saliente e a diferenciação de pisos. O edifício possui uma capela, na qual foi sepultado o fundador da habitação, num túmulo maneirista. Destacam-se, ainda, quatro janelas com avental recortado, com friso saliente no topo, janelas de sacada e um possível tecto octogonal no salão nobre. O espaço que o **Solar de Nossa Senhora da Conceição ou dos Correia e Costa** ocupa é dividido com outros edifícios, como a Casa dos Hóspedes e a Casa de Santo António. Integra também uma cerca e um chafariz do século XVIII. O edifício começou a ser construído a partir de 1400. No século XVII e XVIII sofreu remodelações. Corresponde a um solar com influências classicistas. Apresenta dois pisos, planta em L, cornija e varanda alpendrada com colunas toscanas e vãos de lintel recto sem moldura saliente. Destaca-se o salão nobre de tecto octo-gonal, capela particular com tecto de caixotões e uma pedra de armas no cunhal.

A Casa dos Hóspedes de Nossa Senhora da Conceição está integrada na cerca do solar de Nossa Senhora da Conceição. Apresenta uma planta em L, corpo quadrangular, vãos de lintel recto sem moldura saliente, fachada principal em cantaria com cornija, conversadeiras nas janelas e armários na caixa muraria. Nos cunhais das suas paredes existem pedras almofadadas, de proveniência romana. Esta habitação foi, possivelmente, construída nos séculos XVI-XVII, tendo em conta as características supra mencionadas, sofrendo influências vernaculares e classicistas. Desde a época da sua construção terá funcionado como hospedaria privada do solar.

Com uma localização rural, a **Casa da Corredoura** faz parte de uma quinta próxima do Arrabalde. O início da sua construção remonta a 1783, tendo sofrido remodelações no século XIX. Trata-se de uma casa solarenga, com influência vernacular e classicista tardia. Apresenta planta em L, dois pisos, cornija na fachada principal, conjugação de janelas simples com as de sacada, com e sem moldura lisa, balcão com alpendre e um pilar octogonal. Na quinta destacam-se a cavaleriça e a adega.

Alfaiates

A vila de Alfaiates situa-se sobre um elevado outeiro, 12 quilómetros a este do Sabugal.

Consta em documentos históricos que a povoação terá tido ocupação romana e visigótica. Contudo, a sua fundação exacta é incerta.

Supõe-se que os romanos terão conquistado este território no século I e o transformaram num centro administrativo de grande interesse militar.

A sua actual toponímia deriva de *Alchaeata* ou *Al-Chait*, termo árabe que terá sido utilizado até ao início da nacionalidade portuguesa. Segundo Fernando António Almeida, o termo Alfaiates nada tem a ver com os homens que exercem a profissão de fazer fatos, o "i" terá sido um "intruso" no processo de formação do topónimo. D. Afonso X de Leão terá conquistado a vila aos muçulmanos e ter-lhe-á atribuído o nome de *Castillo de La Luna*. O nome árabe foi retomado por D. Dinis quando, em 1297, lhe atribuiu foral e reedificou o castelo.

O Castelo de Alfaiates é um imóvel classificado como Monumento Nacional e fica localizado na plataforma mais elevada do esporão em que se situa. O início da ocupação deste espaço corresponde à época pré-romana, onde havia um castro. Posteriormente foi ocupado em época romana e árabe. Em 18110 castelo desempenhou um papel fundamental no desenrolar das Invasões Francesas. Ainda no século XVII a fortificação sofreu obras nas suas muralhas, esta obra esteve a cargo de Brás Garcia de Mascarenhas. Este é considerado um herói de Alfaiates, pois conseguiu escapar da condenação à morte por desobediência ao General das Armas da Província da Beira, D. Sancho Manuel. Apesar da sua desobediência ter resultado num êxito, isso não impediu que fosse afastado do cargo de alcaide do castelo e feito prisioneiro numa das torres do castelo do Sabugal, que diz a tradição seria na torre do relógio. O seu afastamento provocou-lhe uma tal tristeza que se dedicou à escrita de uma poema intitulado "Viriato Trágico". Posteriormente, o castelo foi transformado em cemitério. Este exemplar românico-gótico, de planta quadrada, apresenta uma dupla cintura de muralhas. Entre as suas características destacam-se os cubelos cilíndricos na cintura exterior, seteiras, linha de mísulas e um Passo da Via Sacra, junto à porta principal. O castelo possui ainda duas torres, uma das quais de menagem, de planta quadrada, uma janela recta com moldura biselada, as armas reais e esferas armilares. Actualmente restam a torre de menagem e dois torreões que teriam feito parte das antigas muralhas.

O portal de entrada na cidadela possui duas esferas encimadas pela cruz de Cristo, entre a coroa e o escudo real das armas de D. Manuel I, a comprovar uma reedificação manuelina. De facto, este monarca renovou o foral em

1515 e reconstruiu o castelo.

Com a renovação do foral foi edificado o **Pelourinho**, como marco jurisdicional. Este Imóvel de Interesse Público manuelino localiza-se no Largo da Rainha Santa Isabel, em frente à Casa da Câmara e à Igreja da Misericórdia. Trata-se de um exemplar renascentista de pinha cónica, com seis degraus octogonais, coluna de fuste circular, capitel de secção circular, com quatro ornatos em forma de gárgula tubular e remate em pinha cónica, coroada com bandeirola em ferro.

Ao nível da arquitectura religiosa, Alfaiates possui a Igreja Matriz, a Igreja da Misericórdia ou Capela da Santa Casa da Misericórdia o Convento de Saca parte, várias alminhas e algumas capelas, nomeadamente a **Capela de São Miguel** e a **Capela de São Lázaro**.

A **Igreja Matriz** data do século XVII. Na fachada existe um distintivo da Companhia de Jesus, gárgulas de canhão, entablamento encimado por janelão e pórtico em arco de volta perfeita, enquadrado por pilastras ornamentadas com motivos vegetalistas ou estriados. No seu interior podemos observar o tecto pintado em caixotões da capela-mor, o altar-mor barroco e o púlpito com carácter renascentista assente numa coluna estriada e com capitel decorado com cabeças de anjos. Do espólio desta igreja salienta-se uma custódia e uma cruz e um cálice de prata do século XVII e XVIII, respectivamente. Outro templo da povoação é a Igreja da Misericórdia ou Capela da Santa Casa da Misericórdia, que se localiza no Largo da Rainha Santa Isabel. Imóvel classificado como de Interesse Público, foi construído, possivelmente, no século XIII-XIV, tendo sofrido remodelações nos séculos XVI-XVII e XIX. Este templo, o mais antigo da povoação, é uma igreja românico-gótica, de planta longitudinal, de nave única, com dois arcos torais de volta perfeita. No interior possui uma pia baptismal granítica e um coro sustentado por colunas, também de granito, que na sua base integram as pias de água benta. Possui púlpitos exteriores e um Passo da Via Sacra, adossado à fachada principal.

Destaca-se o portal em arco pleno de três arquivoltas e uma rosácea decorada por cima, na fachada principal. Nas fachadas laterais possui frestas e cachorrada decorada com motivos geométricos, zoomórficos e antropomórficos.

Sabemos que aqui foi celebrado, em 1330, o casamento da infanta D. Maria, filha de Afonso IV de Portugal, com D. Afonso XI de Castela.

A cerca de 2 quilómetros de Alfaiates ergue-se um conjunto classificado como Imóvel de Interesse Público, Sacaparte, ou Sacra Parte, numa versão mais erudita. O acesso ao imóvel faz-se pelo caminho de Nossa Senhora da Póvoa. O monumento corresponde a um conjunto constituído pela Igreja, antiga albergaria, ruínas das dependências conventuais, alpendres de feira, cruzeiro, chafariz, fonte de mergulho e palheiro.

A primeira referência documental que existe ao culto da Senhora de Saca parte data de 1282. Segundo esta fonte, a princesa Isabel de Aragão casou com D. Dinis em Trancoso, sob a bênção da Nossa Senhora de Saca parte, tornando-se este monarca o fundador de Saca parte. O primeiro edifício deste conjunto a ser construído seria uma capela, em época visigótica, sendo reconstruída no século XIII-XIV, por ordem de D. Dinis. Consta numa **lenda** que a possível edificação desta capela se relaciona com uma promessa feita durante uma rixa. Reza esta história que D. Sancho, rei de Castela, travou uma batalha contra D. Álvaro Nunes Lara, um fidalgo influente. Este terá incitado a população de Alfaiates a rezar a Nossa Senhora que "sacasse à parte" ambos os adversários. Daqui derivaria o topónimo do convento que viria a ser construído.

Em 1603, D. Filipe I manda construir um hospital e uma hospedaria. O cruzeiro foi construído no século XVIII, século em que é fundado o convento pelos frades da Ordem dos Agonizantes. Possui quatro degraus circulares, coluna de fuste circular com base anelada, capitel com cabeças de anjo e quadrifólios, e cruz de hastes rectilíneas com a representação de Cristo.

O conjunto é de influência barroca. A Igreja apresenta uma planta longitudinal, três naves, arcos de volta perfeita, coro alto, arco triunfal e talha de inspiração rococó. Conserva ainda uma "janela-oratório", em lanternim.

As ruínas do convento apresentam vãos de lintel recto e moldura simples, janelas de sacada, frontão interrompido a encimar o portal principal e uma imponente chaminé no alçado norte. No seu interior salienta-se o antigo lavabo da sacristia, uma fonte decorada com carrancas.

Vila do Touro

Vila do Touro localiza-se a 10 quilómetros da sede de concelho e deteve um papel fundamental na defesa das terras de Riba-Côa, especialmente na Idade Média. Nesta época chegou mesmo a ser denominada por Aldeia da Guarda.

Consta na povoação que o seu **topónimo** descende do nome do seu primeiro habitante: *Taurus*. De facto, este nome pessoal, muito utilizado no século XII, parece ter dado origem ao topónimo da localidade. A introdução do termo vila está apenas relacionado com a categoria municipal que a povoação possui desde o século XIII.

Em Vila do Touro foram encontrados vestígios de ocupação da época do Neolítico e do Bronze.

No século XIII, D. Sancho I integra Vila de Touro no termo da Guarda.

Este antigo concelho foi doado à Ordem dos Templários, por D. Afonso 11. O seu primeiro foral, salamantino, foi-lhe outorgado por este rei, em 1220, através de D. Pedro Alvites, mestre da Ordem dos Templários.

D. Manuel I confirmou-lhe o foral em 1510, construiu o pelourinho e criou a misericórdia. O **Pelourinho**, marco da antiga jurisdição deste povoamento, fica situado no Largo da Igreja e encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1933. Trata-se de um pelourinho renascentista, com pinha cónica, semelhante ao pelourinho de Alfaiates. Possui três degraus circulares, fuste circular de base quadrada, com duplo anel. É encimado por uma peça de secção circular e peça em forma de ábaco curvo. É rematado por uma pinha cónica, em forma de gárgula tubular de superfície estriada.

D. Manuel I manteve a importância estratégica de Vila de Touro na defesa desta região. Aliás, a projecção deste antigo concelho só se dissipou com a reforma administrativa do Liberalismo, no século XIX.

Na época das crises políticas do século XIX tornou-se afamado o "Sete Capotes". Residente nesta povoação, era líder de um grupo de facinoras que praticava inúmeros roubos e assassinatos. Consta que terá sido fuzilado no pelourinho.

Do património edificado faz parte o **Castelo**, símbolo da importância militar que esta povoação teve em tempos. No século XVII foi destruído e, assim, restam apenas alguns panos de muralha e uma porta ogival, evidenciando uma arquitectura gótica. Poderá ter sido edificado sobre um antigo castro.

A povoação possui um núcleo histórico antigo, conjunto fundamentalmente medieval, onde sobressaem as casas de granito com características vernaculares. Deste núcleo saliente-se a **Rua Direita** e a **Rua D. Pedro Alvito**, onde podemos observar vários exemplares de janelas manuelinas e renascentistas e portas com vãos biselados. Em termos de arquitectura religiosa salienta-se a Igreja Matriz, dedicada a Santa Maria, localizada no centro da povoação. Terá sido construída no século XVI, sobre uma outra do século XIII, mais concretamente de 1220, que aparece referenciada num arrolamento paroquial de 1320-1321. Apresenta uma arquitectura simples, estando cercada de muros construídos no nosso século. No interior exhibe o altar-mor em talha dourada e o tecto em caixotões, com pinturas dos Evangelistas e Apóstolos. Dos seus objectos litúrgicos salientam-se uma imagem de Nossa Senhora da Assunção e uma custódia em prata.

As Capelas de São Sebastião, de São Gens, da Senhora do Mercado e a Ermida de São lázaro (de estilo gótico, com um alpendre setecentista) fazem ainda parte do espólio da arquitectura sacra.

A Capela da Senhora do Mercado tem o seu topónimo relacionado com o mercado de gado que se realiza nas proximidades, para a qual revertem parte das receitas deste. Data do século XV-XVII e possui nave única. Como características principais apresenta o alpendre seiscentista assente em pilares prismáticos, a porta principal em arco ogival por oposição à porta lateral de arco de volta inteira, púlpito medieval de cantaria e retábulo em talha dourada.

Não faltam também os exemplares de arquitectura civil de equipamento, como são o caso da Fonte de Paio Gomes, do Chafariz do Churro e do Chafariz do Carvalho.

O concelho de Vila de Touro foi extinto em 1836 e integrado no concelho do Sabugal.

Vilar Maior

Vilar Maior localiza-se sobre um maciço rochoso, a 770 m de altitude, entre o rio Cesarão e a ribeira de Alfaiates. Situa-se a 24 quilómetros da sede de concelho.

O topónimo desta povoação parece estar relacionado com a pequena dimensão do povoado inicial. De facto, a denominação "vilar" aparece como um diminutivo de vila, o que parece significar que, inicialmente, a ocupação deste local não passaria por mais de uma ou duas famílias, podendo corresponder a uma actual quinta. Assim, parece ter sido a partir deste núcleo inicial que teve origem a povoação de Vilar Maior.

A presença humana neste território aparece comprovada desde os tempos mais remotos. Foi, por exemplo, encontrada em Vilar Maior uma espada pistiliforme que data de 900 a.c., pesa cerca de 565 g e tem 64 cm de comprimento. Apresenta como características principais o limbo em forma de lança,

a lâmina nervurada no eixo, a empunhadura a terminar em forma de V muito aberto e o punho cavado na parte média. Segundo Adriano Vasco Rodrigues, a existência desta espada faz remontar a presença humana em Vilar Maior à Idade do Bronze, mais concretamente Bronze Atlântico, se considerarmos as características da peça em causa. Este exemplar está exposto no Museu Municipal da Guarda.

A ponte sobre o rio Cesarão, embora classificada como romana, alguns autores rejeitam esta hipótese. Esta ponte romana ou românica é classificada desde 1975 como Imóvel de Interesse Público, fica na Rua da Fonte, sobre o rio Cesarão, nas proximidades da capela de São Sebastião. Possui três arcos plenos, um deles com menos pé-direito e diâmetro, com dois talha-mares de secção triangular, pavimento em calçada à portuguesa. A sua construção, embora hipotética, é atribuída aos séculos II-IV e no século XIII-XIV sofreu uma possível reconstrução por iniciativa leonesa. Estas duas datas levam-nos a considerá-la romana, com posterior influência românica. Outra prova da antiga presença humana nesta freguesia, embora de outra época, são as **sepulturas antropomórficas**, que se podem observar no lugar da Correia.

Em 1139, Vilar Maior foi conquistada aos mouros pelos reis de Leão.

Data de 11 de Agosto de 1227 o documento em latim bárbaro, no qual se fala pela primeira vez de Vilar Maior. Neste mesmo ano, Afonso IX definiu o povoamento de Vilar Maior.

Após ter passado para as mãos dos árabes, foi novamente recuperado pelos reis de Leão e, em Agosto de 1232, D. Afonso X outorgou carta de foral à povoação.

A 25 de Novembro de 1237, Gregório XI confirmou a Igreja de Vilar Maior a São Vicente de Fora de Lisboa.

D. Dinis atribui o primeiro foral à vila a 27 de Novembro de 1296. Ainda no reinado deste monarca, Vilar Maior passou a pertencer à comenda da Ordem de Cristo. No ano seguinte o povoamento foi integrado, definitivamente, no território português, após a assinatura do Tratado de Alcanises.

Data do século XIII-XIV a construção do **Castelo** que, parcialmente, ainda podemos observar. Foi edificado num local protegido pelo rio Cesarão, a nascente, e por uma encosta íngreme a poente. A sul esta fortaleza tinha o acesso dificultado por uma terceira linha de muralhas, que a defendiam. Este castelo românico-gótico apresenta um traçado oval irregular e torre de menagem. Possui duas portas de arco quebrado e cisterna de planta circular. Entre as suas particularidades destacam-se a torre de menagem quase adossada ao exterior e a ausência de merlões. Esta torre de menagem tem cerca de trinta e cinco metros de altura, sendo por isto uma das mais altas de Portugal. No seu exterior existe um escudo das quinas portuguesas, provavelmente do reinado de D. Dinis, após a outorgação do foral.

Nos desenhos de Duarte d'Armas o castelo surge-nos com dois panos de muralhas, o segundo deles a envolver a torre de menagem, dos quais actualmente só resta um. Em 1758 ainda existia a segunda linha amuralhada que, porém, ameaçava ruir, como veio a verificar-se. A segunda e a terceira cintura de muralhas deverão ter sido destruídas pelas guerras que aqui tiveram lugar e pelo passar dos anos. Sobre a terceira linha de muralhas sabemos que envolvia a povoação. Desta são ainda visíveis alguns vestígios, nomeadamente perto das escadas que ficam junto à antiga Câmara e na Rua da Costa e no interior do actual museu de Vilar Maior, estes últimos colocados à vista pelas escavações arqueológicas de 1997.

O castelo sofreu reparações nos reinados de D. Dinis, D. Fernando, D. João I e D. Manuel I.

Para além do castelo, também a construção **da Igreja Matriz** é atribuída, hipoteticamente, aos séculos XIII-XIV. Dedicada a São Pedro, fica localizada na Rua do Muro e é classificada como Valor Concelhio desde 1902. Em 1320 esta igreja foi taxada em 40 libras e no século XVII foi reconstruída. Corresponde a um exemplar românico e barroco. Entre os elementos medievais destacamos a torre, de planta quadrada, vãos de arco pleno e abóbada de berço no primeiro piso. Dos elementos do século XVII-XVIII assinalamos a planta longitudinal, portais de lintel recto com pilastras de capitel coríntio e nicho em arco pleno com abóbada de concha. Entre as suas particularidades salientamos ainda: os ornatos lineares dos portais e a existência de uma torre medieval adossada. Nesta igreja existe um pia baptismal, localizada em frente ao altar de Nossa Senhora do Castelo, proveniente da Igreja Românica de Santa Maria do Castelo. Esta pia constitui um *ex-libris* da povoação. Esta peça de granito é monolítica e apresenta a superfície exterior esculpida de círculos concêntricos.

A Igreja Românica de Santa Maria do Castelo, antiga igreja matriz, localiza-se nos limites do aglomerado, perto do castelo e do cemitério, e está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1996. A sua construção data, também, do século XIII e apresenta uma planta rectangular.

Actualmente apenas resta a capela-mor e o arco triunfal de volta perfeita. Entre as suas particularidades destaca-se a cornija decorada por meias esferas e sustentada por uma cachorrada decorada com motivos geométricos e zoomórficos. Numa fotografia de 1920 ainda é visível a igreja na sua totalidade. Contudo, nesta mesma década, foi demolida para se proceder à reconstrução do actual cemitério.

A história da povoação está relacionada com um episódio particular. Segundo a crónica de Fernão Lopes, D. Leonor Teles terá preparado um enredo segundo o qual convenceu o seu cunhado, D. João, filho de D. Pedro I e D. Inês de Castro, de que a esposa o traía. Assim, D. João acabou por assassinar D. Maria Teles e os familiares desta juraram vingança pela sua morte.

D. João foi obrigado a fugir, acabando por se resguardar no castelo de Vilar Maior, a 28 de Dezembro de 1377. Estas eram terras suas bem conhecidas, pois nelas costumava caçar, acompanhado de seu irmão, o rei D. Fernando. Daqui, não se sentindo seguro, acabou por fugir para São Félix de Galegos.

O alferes-mor do reino e conselheiro do rei, D. Duarte de Menezes, informou o infante D. Pedro que Vilar Maior era um local fronteiriço e muito despovoado, como tal havia necessidade de povoá-lo por forma a defendê-lo. Deste modo, a 6 de Maio de 1440, foi criado o Couto de Vilar Maior, recebendo a povoação cem homiziados que, desta forma, obtinham o seu perdão. A permanência destes criminosos no couto dependia do tipo de crime que tivessem praticado.

D. Manuel I, a 1 de Junho de 1510, renovou o foral à povoação. Do reinado deste monarca ficou na povoação o **Pelourinho**. Este monumento manuelino, bem como todos os outros, constitui o símbolo do poder jurisdicional. Foi construído no século XVI e possui um soco com seis degraus, fuste octogonal e capitel de secção circular, rematado por uma gaiola de cinco colunelos que termina em esferas ovaladas. O seu chapéu é uma peça cónica, com colunelo de fuste circular, coroado por meia esfera.

Num alvará régio de 1583, Filipe I de Portugal concede à Misericórdia de Vilar Maior os mesmos privilégios da Misericórdia de Lisboa. Assim, apesar de desconhecermos a data da fundação da Misericórdia de Vilar Maior, sabemos que em 1583 já existia. A esta misericórdia, tal como a todas as outras, cabia um dever beneficente (por exemplo recolher crianças abandonadas) e religioso (nomeadamente rezar pelos mortos e pelos vivos).

A comunidade judaica também esteve presente em Vilar Maior. Existem indícios da presença de uma judiaria entre os séculos xv e XVI. Na parte mais elevada da vila existia a antiga sinagoga. Actualmente, este edifício apresenta duas entradas diferenciadas, uma para os homens e outra para as mulheres, e um altar em granito onde seria guardada a *Torah*, a *Arón Há-Kodesh*, arca sagrada. Ainda nesta rua são visíveis alguns vestígios da presença desta comunidade, nomeadamente o candelabro de sete braços gravado ao contrário nas ombreiras e soleiras das portas, simulando uma cruz no pé do candelabro.

Durante as Invasões Francesas também esta povoação foi pilhada e atormentada, como aliás se pode constatar na contra-capla de um missal existente no Museu de Vilar Maior. Neste existe um registo que narra a necessidade do reitor se deslocar a Batocas para ir buscar um missal emprestado, com o objectivo de poder celebrar a missa em Vilar Maior.

No reinado de D. Maria II, entre 1834 e 1853, a povoação sofre as consequências das lutas entre liberais e miguelistas. Na sequência destas, em 1847, Vilar Maior é invadido por forças cabralistas que vinham recrutar jovens soldados para apoiar a sua causa. Na Páscoa desse ano dá-se o episódio da jovem Rosa, filha de um capitão-mor que se opunha aos cabralistas. Esta teria sido raptada da casa de sua mãe por um alferes e alguns soldados que a mataram. Rosa regia-se por valores humanos e cristãos como a honra, a dignidade e a lealdade aos princípios do amor, paz, justiça e liberdade. A sua fé e o seu pedido de ajuda ao Senhor dos Aflitos foram tão fortes que morreu antes de a violentarem, preservando assim a sua honra. Nos dias de festa em Vilar Maior eram cantados versos que narravam a **lenda da Rosa**.

A 24 de Outubro de 1855, o concelho de Vilar Maior foi extinto, sendo a povoação integrada no concelho do Sabugal.

Por extinção da diocese de Pinhel, em 1882 a povoação passa para a diocese da Guarda.

Na maioria das freguesias beirãs a existência de capelas é uma constante. Vilar Maior não foge à

regra e possuiu várias capelas, das quais actualmente só restam duas.

A Capela de São Sebastião apresenta uma data a encimar o pórtico, 1591, que faz remeter a sua construção para o século XVI, reinado de Filipe I de Portugal. Esta inscrição tem levantado, no entanto, algumas dúvidas se corresponderá à data de construção ou de restauro. A edificação desta capela está relacionada com uma **lenda**. Segundo esta, dois estudantes que se dirigiam a Salamanca foram salvos de uma perseguição e, em agradecimento, ergueram a capela.

A Capela de Nosso Senhor dos Aflitos é outro templo de Vilar Maior. Anualmente, desde há alguns séculos, é realizada uma romaria a Nosso Senhor dos Aflitos, que decorre no primeiro Domingo de Setembro. A atestar esta devoção existem algumas pinturas de ex-votos na capela, que atribuem milagres a Nosso Senhor dos Aflitos. **Da Capela do Espírito Santo**, referida nas Memórias Paroquiais de 1758, apenas restam o topónimo e os alicerces. Localizar-se-ia no caminho para a Quinta da Formiga.

Ainda no âmbito da arquitectura religiosa refira-se a existência **da Igreja da Misericórdia**.

No que diz respeito à arquitectura civil, a povoação possui algumas construções que merecem uma referência.

O edifício dos **Antigos Paços do Concelho** fica localizado dentro do terceiro pano de muralhas, ao fundo da rua que vem da Igreja Matriz. O imóvel era brasonado e consta que os criminosos que se aproximassem dele não podiam ser presos. Provavelmente ficariam a trabalhar para os senhores da casa em troca do indulto. O edifício foi pertença de Luís de Bastos e passou depois pelas mãos de várias famílias.

Teve várias utilizações ao longo do tempo, tendo servido de câmara municipal e cadeia, tribunal e, após a extinção do concelho, escola primária.

Da época em que serviu de cadeia existem ainda, no piso inferior, as latrinas. No tempo das Invasões Francesas o imóvel foi espoliado. Actualmente o edifício foi recuperado e alberga o Museu de Vilar Maior.

Fronteiriço à pequena varanda deste edifício situa-se o **Barroco dos Martírios**, que era o local escolhido pelas mulheres para, nas tardes quentes, fazerem "meia" e coscuvilharem.

O edifício do antigo **Forno Comunitário**, na Rua da Praça, foi recentemente recuperado. Neste espaço existe um posto de turismo e uma loja de artesanato.

No Largo das Portas existem dois solares: o **Solar dos Condes de Tavarede** e o **Solar dos Quevedo Pessanha**, ambos possuíam brasão.

As fontes são exemplos de arquitectura civil de equipamento e eram, antes da existência de água canalizada, de grande importância. A **Fonte Velha** serviu, durante muito tempo, as necessidades da população deste local. Contudo, devido à escassez de água, esta foi substituída pela **Fonte Nova**, localizada um pouco mais próximo da povoação.